

PRECONCEITOS E ESTEREÓTIPOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO CONTEXTO DO PIBID

Andreina Alessandra Nascimento Ribeiro ¹

Robson Rodrigues Chagas ²

Camila Bloise Pieroni ³

Denise Aparecida Corrêa ⁴

RESUMO

Este trabalho apresenta um relato de experiência desenvolvido no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no primeiro semestre de 2025, a partir da atuação de bolsistas licenciandos/as do Núcleo Educação Física da UNESP/Bauru junto às turmas do Ensino Médio de uma escola da Rede Pública Estadual, na cidade de Bauru/SP. A proposta pedagógica desenvolvida com uma turma da 1ª série teve como objetivo analisar e reconhecer criticamente os preconceitos e estereótipos no âmbito esportivo. Entende-se preconceitos como julgamentos sem fundamentos, e estereótipos como generalizações simplistas sobre pessoas ou grupos. Foram desenvolvidas, ao longo de um mês, atividades relacionadas ao tema dos estereótipos e preconceitos, culminando na produção de relatos escritos sobre vivências corporais marcadas por essas questões, as quais impactaram a vida dos/as estudantes. Foram coletados vinte e cinco relatos e, por meio de uma análise qualitativa, identificaram-se temáticas recorrentes relacionadas a: vergonha; medo de errar; ansiedade social; baixa autoestima; exclusão; bullying; racismo e gordofobia. Os/as estudantes relataram episódios de julgamento e desmotivação nas práticas escolares, especialmente por serem os(as) últimos(as) escolhidos(as) em atividades coletivas ou por receberem comentários depreciativos sobre seu corpo e desempenho. Em contrapartida, emergiram dos relatos aspectos positivos, como: apoio familiar; superação de inseguranças e fortalecimento pessoal. Concluímos que práticas pedagógicas centradas na escuta e na valorização das narrativas dos/as estudantes acerca de suas percepções e sentimentos, podem contribuir para promover um ambiente mais acolhedor e inclusivo nas aulas de Educação Física e transformar a relação dos/as jovens com o corpo, com o outro e com o espaço escolar. Consideramos, ainda, urgente que tais temas sejam pautados em cursos de formação docente inicial e continuada de modo a fornecer subsídios pedagógicos para o enfrentamento destas problemáticas que tanto impactam a vida escolar dos jovens no Ensino Médio.

Palavras-chave: Preconceitos e estereótipos, Educação Física Escolar, Ensino Médio

¹ Graduanda do Curso de Educação Física da Universidade Estadual Paulista - SP, andreina.alessandra@unesp.br;

² Graduado pelo Curso de Educação Física da Universidade Estadual Paulista - SP, rr.chagas@unesp.br;

³ Professora Supervisora do Programa de Iniciação a Docência – Pibid; camilabloise@hotmail.com;

⁴ Coordenadora de Área do Pibid, Prof. Dra. da Universidade Estadual Paulista – SP, denise.correa@unesp.br



INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) tem como finalidade aproximar os(as) estudantes de cursos de licenciatura das escolas públicas de educação básica, promovendo a vivência prática da docência ainda durante a formação inicial. Por meio da concessão de bolsas, os(as) licenciandos(as) desenvolvem atividades pedagógicas com o acompanhamento e a supervisão de com professores(as) da rede pública, participando do cotidiano escolar e refletindo sobre os desafios da profissão docente. Essa inserção antecipada contribui para a construção de uma prática mais crítica, sensível e comprometida com a realidade educacional brasileira (Brasil, 2018; Capes, 2024).

Nesse contexto, o presente trabalho apresenta um relato de experiência desenvolvido no âmbito do PIBID, no Núcleo de Iniciação à Docência (NID) Educação Física da UNESP de Bauru, no ano de 2025. As ações foram realizadas em uma escola estadual de Bauru/SP, durante o acompanhamento das aulas de Educação Física no Ensino Médio, e buscaram promover reflexões sobre preconceitos e estereótipos nas práticas corporais, articulando a proposta pedagógica ao Currículo Paulista. A atividade desenvolvida teve como objetivo fomentar reflexões críticas sobre como essas questões atravessam o ambiente escolar e afetam a forma como os(as) estudantes se relacionam com o corpo, o outro e as aulas de Educação Física.

A inserção dos/as licenciandos/as no contexto da Educação Básica é crucial para o desenvolvimento de uma práxis docente crítica, reflexiva e sensível, capaz de ir além da mera transmissão de conteúdos e enfrentar as complexas questões sociais que atravessam o ambiente escolar (Rangel, 2006). Dentre essas questões, o racismo, o preconceito e os estereótipos se destacam como desafios persistentes. O preconceito é a origem da discriminação, pois atitudes negativas ou julgamentos antecipados sobre um grupo ou indivíduo podem levar a ações concretas de exclusão, segregação ou violência. Já o racismo é um processo mais amplo, de hierarquização e exclusão, construído social e historicamente a partir da ressignificação de marcas físicas (Carvalho, 2020). Na escola, essas manifestações ocorrem de forma explícita, como agressões verbais, apelidos, chacotas ou por violência simbólica, presente na desvalorização de alunos e na ausência de reconhecimento de suas potencialidades, afetando diretamente o desenvolvimento e a identidade dos estudantes (Carvalho, 2020; Castro et al., 2014).





A representatividade assume papel central nesse contexto, pois a presença de conteúdos, imagens e referências que valorizem a diversidade étnica, social e corporal possibilita que os

alunos se reconheçam e se sintam capazes de projetar trajetórias mais positivas. O olhar atento e sensível do(a) professor(a) pode transformar essas trajetórias, promovendo autoestima, pertencimento e oportunidades iguais de participação, enquanto a ausência de reconhecimento reforça a exclusão simbólica (Carvalho, 2020; Rangel, 2006).

Por isso, a escola detém uma função crucial no enfrentamento dessas problemáticas, devendo efetivar legislações como a Lei nº 10.639/03 e adotar estratégias que promovam uma educação racialmente crítica e antirracista (Carvalho, 2020; Castro et al., 2014). O enfrentamento do racismo exige um investimento contínuo na formação docente, uma vez que muitos professores se sentem despreparados para identificar e lidar com questões raciais (Carvalho, 2020).

Nesse cenário, a Educação Física por lidar diretamente com a cultura corporal e ser um componente curricular onde preconceitos racial e de gênero são frequentemente reproduzidos e perpetuados exige atenção especial (Rangel, 2006). É fundamental que a universidade e os programas de formação inicial, como o PIBID, preparem os futuros educadores para desconstruir imagens negativas, valorizar a cultura negra e a diversidade corporal, suprimindo, inclusive, as omissões dos materiais didáticos (Castro et al., 2014; Rangel, 2006).

METODOLOGIA

A coleta dos relatos foi realizada com uma turma da 1ª série do Ensino Médio, escolhida por ser o grupo em que a atividade estava inserida, contemplando conteúdo pertinente ao tema de preconceitos e estereótipos nas práticas corporais. Durante a aula, os(as) estudantes receberam orientação para produzir, em folha de papel, relatos escritos sobre vivências significativas relacionadas ao corpo e ao movimento, incluindo questões como experiências com preconceitos, incentivo familiar e situações marcantes em suas vidas que envolvessem o corpo.

Ao todo, foram coletados 25 textos, cujos/as autores/as puderam ser identificados/as, o que possibilitou compreender as narrativas em suas dimensões pessoais e contextuais. Foi





garantido o respeito à privacidade dos(as) estudantes, preservando o sigilo das informações durante a análise e divulgação dos dados.

Este trabalho caracteriza-se como um relato de experiência com abordagem qualitativa, de natureza descritiva e interpretativa. A análise dos textos seguiu a técnica de análise de

conteúdo, conforme descrito por Bogdan e Biklen (1994), que a definem como o processo de busca e organização sistemática do material descritivo coletado, com o objetivo de aumentar a compreensão do pesquisador e comunicar suas interpretações a outros. Trata-se de um procedimento indutivo e descritivo, no qual as categorias de codificação são desenvolvidas a partir da leitura minuciosa dos dados, buscando regularidades, padrões e temas recorrentes nas falas ou nos textos analisados.

Neste trabalho, a análise dos relatos ocorreu em etapas: inicialmente, foi realizada uma leitura flutuante de todos os textos, seguida pela identificação de temas centrais e pela criação de categorias temáticas. As categorias emergiram do próprio conteúdo das narrativas e incluíram aspectos como exclusão, pertencimento, julgamento, superação, autoestima e afetividade. A partir delas, buscou-se compreender como os(as) estudantes expressaram suas percepções sobre o corpo, o movimento e as experiências marcadas por preconceitos ou valorização pessoal.

As aulas realizadas ao longo do processo também foram consideradas parte da coleta de dados, uma vez que proporcionam o contexto para a produção dos relatos e para as discussões reflexivas.

Inicialmente, durante a primeira regência dos bolsistas, foi realizada uma aula introdutória com o objetivo de identificar os conhecimentos prévios da turma sobre o tema estereótipos e preconceitos presentes nas práticas corporais e nas relações sociais. Buscou-se promover um espaço de diálogo e reflexão que permitisse aos estudantes ampliar o repertório crítico acerca das diversas formas de discriminação, como racismo, machismo, gordofobia, etarismo, intolerância religiosa, xenofobia, capacitismo e classismo. A proposta visou fomentar a conscientização sobre como essas manifestações de preconceito se expressam no cotidiano e influenciam a construção das identidades corporais e das experiências de participação nas práticas de movimento.

Como recurso didático, foi exibido o curta-metragem *“Invisible Players”*, que aborda a invisibilidade da mulher no esporte e as barreiras enfrentadas por atletas do sexo feminino





para alcançar reconhecimento e valorização. Após a exibição, realizou-se uma conversa coletiva, na qual os(as) alunos(as) puderam compartilhar suas percepções e sentimentos em relação ao conteúdo apresentado.

Durante a exibição do vídeo, observou-se grande envolvimento da turma. Muitos(as) estudantes reagiram verbalmente às cenas, tentando adivinhar quem seriam as pessoas por trás

dos borrões nas imagens. Essa curiosidade inicial deu lugar à reflexão crítica quando foi revelado que se tratava de atletas mulheres, o que gerou expressões de surpresa e indignação, especialmente entre as meninas, que reconheceram não terem considerado a possibilidade de serem jogadoras femininas nas imagens apresentadas. Esse momento foi especialmente significativo, pois revelou como os estereótipos de gênero ainda influenciam a percepção social sobre quem pertence ou não ao espaço esportivo.

Além disso, a discussão trouxe à tona a influência da mídia na construção dessas percepções, evidenciando como os esportes transmitidos em rede aberta são majoritariamente protagonizados por homens, com maior visibilidade, investimento e valorização dos seus horários de exibição. Essa constatação gerou questionamentos entre os(as) estudantes sobre a falta de representatividade feminina nas transmissões esportivas e sobre como a mídia contribui para reforçar desigualdades de gênero e manter a invisibilidade das mulheres em diversas modalidades.

Para aprofundar o tema e tornar as desigualdades mais visíveis, foi realizada a dinâmica “Passo à Frente”, na qual os(as) estudantes eram convidados(as) a dar um passo à frente sempre que se identificassem com determinada afirmação. As frases utilizadas buscaram provocar reflexão sobre privilégios, desigualdades e experiências pessoais relacionadas ao corpo, gênero, classe e preconceitos. Entre as afirmações propostas estavam:

1. Nunca deixei de participar de algo por ter vergonha do meu corpo.
2. Nunca me senti excluído(a) em uma aula de Educação Física.
3. Sempre fui incentivado(a) pela minha família a praticar esportes.
4. Já pratiquei algum esporte em um clube ou academia (paga).
5. Nunca sofri ou presenciei comentários racistas, machistas ou homofóbicos.
6. Nunca fui o(a) último(a) a ser escolhido(a) para jogar.
7. Nunca precisei esconder algo sobre mim para me sentir “aceito(a)”.
8. Nunca precisei trabalhar ou ajudar em casa apenas para conseguir estudar.
9. Nunca precisei me preocupar com a segurança ao andar em certos lugares.
10. Tenho um corpo que se encaixa nos padrões considerados “ideais” pela sociedade.
11. Nunca deixei de praticar um esporte por ouvir a frase “isso é coisa de menino/menina”.





12. Nunca deixei de jogar ou fazer algo por achar que não era bom (a) o suficiente.

A atividade gerou um momento de grande envolvimento e reflexão coletiva. À medida que os(as) estudantes observavam quem permanecia parado e quem dava os passos à frente, puderam perceber, de forma concreta, como desigualdades e preconceitos atravessam o cotidiano e influenciam as oportunidades de participação nas práticas corporais e esportivas.

A dinâmica foi finalizada com a seguinte reflexão: *“Se agora eu dissesse que vamos correr até a linha de chegada, vocês acham justo o lugar onde cada um está?”*. Uma provocação que convidou os(as) estudantes a pensarem sobre as desigualdades estruturais presentes na sociedade. A partir desse momento, discutiu-se como essa metáfora representa uma realidade que acontece todos os dias, dentro e fora do esporte.

Na próxima aula, foi realizado um debate entre a turma em que foram divididos em quatro grupos nos quais deviam defender o tema proposto para cada grupo sendo eles: 1) Os tipos de preconceito na educação física; 2) O impacto do preconceito na participação dos alunos nas aulas de EF; 3) Como a Educação Física pode combater o preconceito; e 4) O papel da família e dos membros da comunidade na inclusão esportiva.

Nesse debate surgiram discussões acaloradas sobre os temas em questão, podemos perceber um engajamento maior das meninas nas discussões, que mostraram a diferença de gênero nas percepções sobre o tema, principalmente com posicionamentos conservadores em algumas falas ditas pelos meninos.

Em contrapartida, alunos com deficiência trouxeram falas relacionadas às suas vivências na EF escolar, e como as ações pedagógicas inclusivas possibilitaram que eles participassem das aulas e fossem incluídos em todas as atividades.

Após finalizar o debate, a professora da sala aproveitou o momento para entregar a medalha dos Jogos Escolares do Estado de São Paulo (JEEESP) a uma aluna da turma, vencedora na modalidade de arremesso de peso. A entrega gerou grande entusiasmo entre os colegas e ganhou ainda mais significado por se tratar de uma turma em que os meninos, tradicionalmente mais confiantes nas práticas esportivas, não conseguiram se classificar para a competição. O gesto simbolizou uma quebra de estereótipos de gênero e reforçou a importância de reconhecer o talento e o esforço das meninas também nas modalidades consideradas de força, contribuindo para ampliar as reflexões iniciadas durante o debate.





Além disso, em uma aula posterior, a professora propôs uma atividade avaliativa em que os alunos foram convidados a produzir relatos sobre suas próprias experiências relacionadas ao esporte e às aulas de Educação Física. Entre as questões levantadas estavam se já haviam vivenciado situações de preconceito nesse ambiente, se sentiam apoio dos familiares para praticar esportes e como percebiam sua participação nas atividades escolares.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atividade proposta aos estudantes do Ensino Médio resultou na produção de 25 relatos escritos acerca de experiências marcantes relacionadas às aulas de Educação Física escolar ou a outras vivências corporais. A análise qualitativa dessas narrativas evidenciou uma variedade de sentimentos e percepções que demonstram como comentários e atitudes de terceiros podem impactar negativamente a autoestima de crianças e jovens, desencorajando-os a participar de atividades físicas.

Por outro lado, os relatos também revelaram que o ambiente das aulas de Educação Física pode representar um espaço tanto de construção quanto de desconstrução das subjetividades. As práticas e interações nesse contexto estabelecem padrões sociais e culturais que, muitas vezes, reforçam preconceitos e estereótipos, mas que precisam ser questionados e trabalhados para que não crie barreiras que impeçam a participação dos(as) jovens nas atividades físicas.

Assim, a Educação Física escolar assume um papel fundamental na promoção de espaços inclusivos e reflexivos, capazes de contribuir para o fortalecimento da autoestima e do pertencimento dos estudantes, superando exclusões e incentivando o engajamento corporal de maneira mais democrática e acolhedora.

Para tornar mais visíveis as nuances dessas vivências, alguns trechos dos relatos dos(as) estudantes foram selecionados e apresentados a seguir. As falas são mantidas de forma fiel, preservando o anonimato dos(as) autores(as), e contribuem para evidenciar como esses sentimentos se materializam no cotidiano escolar. A inclusão desses trechos permite aprofundar a discussão, articulando as experiências pessoais dos(as) jovens com as problematizações teóricas já apresentadas, além de ilustrar de maneira concreta os efeitos das





práticas pedagógicas, das interações sociais e das relações de poder presentes nas aulas de Educação Física.

“Desde que lembro da primeira escola, sempre tive muitas amigas que costumavam debochar e humilhar os outros que não faziam parte do grupo. Isso durante quase todo o fundamental, mas só no sétimo/oitavo ano percebi que eu também era motivo de piada para elas. Como eram minhas “amigas” eu achava normal, mas aquilo me deixava magoada, sempre apontavam meus defeitos e em atividades em grupo sempre me excluía. Com isso, criei muitas inseguranças em relação ao meu sorriso, cabelo e corpo. Insegurança que uma

criança daquela idade não deveria se importar. Assim, a cada elogio penso que pode ser uma mentira super dolorosa e é difícil acreditar que alguém pode sim gostar de mim, pelo que eu sou de verdade, então preciso sempre que a pessoa deixe claro.”

“Quando eu estava no sexto ano do fundamental sofri bullying pela minha altura, era muito pequeno, demorei muito para desenvolver a altura. Era dia de Educação Física e os meninos escolheram jogar futebol. E eu sempre gostei de jogar futebol, mas nunca tive amigos para jogar comigo, sempre joguei sozinho, os meninos estavam escolhendo os times e eu fui o último por conta da minha altura, fiquei muito chateado com essa situação. Fiquei uma semana sem ir à escola.”

“Quando eu era criança, provavelmente tinha uns 7 anos de idade, eu estava na chácara do meu vô com os meus primos, e naquele dia, todos os meus primos queriam entrar na piscina e eu também. Então, fui para o banheiro e coloquei meu biquíni e fui para a piscina. E por algum motivo, eles começaram a zoar com o meu corpo (eu era gordinha na época). Me chamaram de vários apelidos maldosos, como baleia, gorda, etc. Isso me deixou muito chateada. Naquela época, eu ri com eles, mas não tinha achado a menor graça e fiquei com vergonha do meu próprio corpo. E sempre que entrávamos na piscina, eles me zoavam e eu lembro de cada detalhe até hoje.”

“Quando eu tinha 8 anos, sempre pedia para os meus responsáveis me colocarem em uma escola de dança, e eles atenderam meu pedido. Fiquei lá por cerca de um mês, mas não estava gostando. Eu era a única que errava os passos, e não conseguia acompanhar a





coreografia. Com isso, as outras crianças começaram a me zoar, e eu acabei desistindo por vergonha.”

“Quando eu estudava em outra escola, estava na época do interclasse, então todas as salas, do 6º ano até o 9º ano, estavam na quadra. E eu estava jogando queimada com a minha sala, e acabou que uma pessoa foi tentar me queimar, mas a bola acertou a minha cara e eu caí no chão chorando na frente da escola inteira, fiquei morrendo de vergonha porque todo mundo riu de mim.”

“Sempre tive o incentivo dos meus responsáveis para praticar esportes, quando entrei na natação apesar de ser muito vergonhosa quando fazia, me sentia constrangida pela diferença de idade dos alunos. Todos eram mais velhos que eu e não conseguia me incluir. Depois mudei de academia e tinha algumas pessoas chegando na minha faixa etária de idade. Me senti mais incluída, mas por falta de tempo acabei saindo e parando de praticar.”

“Não gosto de jogar queimada, pois além de não saber jogar direito, sempre era as últimas a ser escolhida para os times, e eu não gostava dessa sensa  o”

“Não me sinto confortável jogando vôlei em uma rodinha nova, pois quando eu jogava e errava o saque, as “minhas colegas” me xingavam e me olhavam feio.”

“Me sinto excluída sempre as pessoas me julgam por ser quem eu sou. Sei que as vezes sou mau humorada mas logo passa. Gostaria de ter amigos e que as pessoas me compreendem”

“Não me sinto confortável jogando vôlei porque quando jogava me zoavam por não saber jogar”

“Uma vez quando eu era pequena um menino da minha sala fez racismo comigo me chamou de “macaca”.”





“Uma vez minha mãe queria que eu fizesse natação só que eu não queria por que eu tinha vergonha de ficar de sunga”

“Uma vez quando tinha 7 anos e fui jogar bola e por não ser tão bom não fui escolhido para jogar”

“Após quebrar o tornozelo e perder a esperança no futebol, minha mãe me apoiou e me ajudou a superar o desânimo acreditando na minha recuperação e força, graças a ela, voltei a jogar com ainda mais determinação.”

Dentre os sentimentos mais frequentemente mencionados, destacam-se a vergonha, o medo de errar, a ansiedade social e a baixa autoestima. Muitos(as) estudantes relataram situações em que se sentiram expostos(as), julgados(as) ou desmotivados(as), especialmente em atividades coletivas que envolvem escolhas entre colegas, como jogos em equipes. Foi recorrente a menção ao desconforto de ser o último(a) a ser escolhido(a), o que evidencia práticas que reforçam exclusões simbólicas e afetivas.

Além disso, surgiram relatos que trouxeram à tona experiências de bullying, racismo e gordofobia, muitas vezes naturalizados no contexto escolar. Estudantes relataram ter sido alvo de comentários sobre o corpo, desempenho ou habilidades motoras, o que afetou negativamente sua relação com a prática corporal e com o próprio corpo. Esses dados corroboram críticas presentes na literatura sobre os desafios da Educação Física em promover um ambiente realmente inclusivo, especialmente quando as aulas priorizam o rendimento ou mantêm critérios tácitos de valorização da performance.

Por outro lado, também foram identificadas narrativas que evidenciam processos de superação, fortalecimento pessoal e reconhecimento do corpo como potência. Alguns(as) estudantes relataram momentos em que se sentiram acolhidos(as) por professores(as) ou colegas, ou ainda que conseguiram vencer barreiras emocionais, ampliando sua autoconfiança. Tais experiências positivas ressaltam a importância da afetividade, do cuidado e do olhar sensível na prática pedagógica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS





A experiência vivenciada no PIBID mostrou-se significativa para a formação inicial docente, ao possibilitar o contato direto com a realidade escolar e a escuta das vivências dos(as) estudantes. A proposta dos relatos escritos permitiu que expressassem suas experiências corporais com sensibilidade, revelando tanto desafios quanto potências presentes no cotidiano escolar.

Entre essas potências, destacam-se: a possibilidade de construir vínculos mais sensíveis entre professor(a) e estudante; o reconhecimento do corpo como espaço de expressão e pertencimento; a valorização do acolhimento e da escuta, e a ampliação da autoconfiança dos(as) jovens quando suas vivências são legitimadas e compreendidas.

Essas potências podem ser afirmadas com base nos próprios relatos dos(as) estudantes, que evidenciam a importância de práticas pedagógicas que acolham as diferenças e criem condições para que todos(as) participem das aulas. Muitos(as) relataram sentimentos de vergonha, medo de errar ou exclusão, especialmente em situações como ser o(a) último(a) a ser escolhido(a) para as equipes, sofrer comentários sobre o corpo, ou ter suas habilidades ridicularizadas pelos colegas. Em contraste, surgiram também falas que revelaram experiências de apoio e superação, demonstrando como o acolhimento familiar, o incentivo dos professores ou a mudança de contexto podem favorecer o engajamento e o fortalecimento emocional.

Essas análises encontram suporte na literatura, especialmente em Darido, que afirma que a Educação Física escolar deve promover um ambiente democrático, dialógico e centrado na participação, superando modelos exclusivamente voltados ao desempenho. Ao articular os relatos dos(as) estudantes com as contribuições teóricas da área, torna-se evidente que a Educação Física possui um papel social potente: ouvir, incluir e criar experiências corporais que contribuam para o desenvolvimento integral, afetivo e social dos(as) jovens.

Assim, a vivência no PIBID reafirma que práticas pedagógicas sensíveis, reflexivas e acolhedoras não apenas reduzem situações de exclusão, mas também ampliam possibilidades de pertencimento, autonomia e reconhecimento dos(as) estudantes dentro das aulas de Educação Física.

AGRADECIMENTOS





Agradecemos à professora supervisora da escola e aos(às) colegas do PIBID pela parceria e pelas trocas de experiências ao longo do processo. Estendemos nosso agradecimento aos professores coordenadores do projeto, por sua orientação e por reforçar a importância de uma formação docente crítica e comprometida. Também agradecemos à CAPES pelo apoio ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.

CASTRO, Adriana Rosicléia Ferreira; ALMEIDA, Josefa Raquel Pereira; FREITAS, Simone Florêncio de; SANTOS, Simone Cabral Marinho dos. Racismo na escola: o livro didático em discussão. 2014.

CARVALHO, Daniela Melo da Silva. A escola no enfrentamento ao racismo. 2020. 133 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2020.

RANGEL, Irene Conceição Andrade. Racismo, preconceito e exclusão: um olhar a partir da Educação Física escolar. Motriz, Rio Claro, v. 12, n. 1, p. 73-76, jan./abr. 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/pibid/pibid>. Acesso em: 06 ago. 2025.

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid/pibid>. Acesso em: 06 ago. 2025.

